



Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, na sessão solene de encerramento da IX Convenção Nacional da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra - Adesg

Centro de Convenções do Hotel Nacional, Brasília-DF, 26 de setembro de 2003

Excelentíssimo senhor presidente da Adesg, contra-almirante Paulo Gonçalves Paiva,

Excelentíssimo senhor ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, general de Exército José Armando Félix,

Excelentíssimo senhor ministro do Estado-Maior das Forças Armadas, conselheiro da Adesg, general de Exército Antônio Jorge Correa,

Excelentíssimo senhor comandante militar do Planalto, general de Divisão Rui Alves Catão,

Excelentíssimo senhor secretário de estudos e cooperação do Ministério da Defesa, ministro José Roberto de Almeida Pinto,

Excelentíssimo senhor sub-comandante da Escola Superior de Guerra, general de Brigada Eduardo Ramalho dos Santos,

Senhores delegados e representantes da Adesg aqui presentes,

Senhoras e senhores adesguianos de todo o Brasil,

Para mim que, em 1975, tive a sorte de participar de uma turma da Adesg, em Minas Gerais, é sempre um prazer e uma grande honra estar presente em um evento da Adesg.

Com muita honra, exibo o meu diploma de estagiário da Adesg onde, realmente, enriqueci muito minhas informações sobre o Brasil, em todos os aspectos, tanto político quanto econômico e social.



Como todos sabem, e aqui já foi dito, eu estou, no momento, no exercício da Presidência, porque o nosso Presidente está cumprindo agenda em vários países. Hoje, por exemplo, está no México. Mas ainda vai estar em Havana e só retorna no domingo. Nesta semana, eu tenho estado no exercício da Presidência, de braços com um problema sério, que é o tema dos transgênicos. Tanto que, ao chegar aqui, havia um grupo grande de jornalistas e eu disse: tenho certeza de que vocês vão me fazer perguntas sobre a Adesg. Eles acharam graça, porque o que eles querem é repercutir esse problema ligado aos transgênicos.

Nós estamos impregnados de transgênicos, desde segunda-feira até ontem, quando assinamos a Medida Provisória sobre o assunto. Depois de várias emendas que foram feitas à minuta que ia sendo apresentada, discutida, e ia recebendo contribuições de vários ministros presentes, às oito horas liberamos. E agora de manhã, chegando ao gabinete, me deram a primeira notícia: saiu errado. Mas, como saiu errado? É o e-mail, correio eletrônico, é a era da eletrônica. O Diário Oficial recebe através do e-mail e, por e-mail, recebeu uma versão que não era, ainda, a última que foi aprovada e que deveria ter sido publicada. De maneira que, hoje, deve sair uma edição especial e extra do Diário Oficial para publicar corretamente a Medida que foi assinada ontem.

Estar aqui com vocês, da Adesg, é um momento muito grato, um momento que me traz um conforto muito grande, ainda que não tivesse tido o tempo suficiente, durante esta semana, como estava previsto, para preparar alguma coisa que pudesse merecer a atenção de todos os “adesguianos” aqui presentes, que me honraram com este convite.

Então, a minha primeira palavra é de agradecimento ao honroso convite que me foi feito e o tema que eu vou abordar, se me permitem, é o Brasil. O tema que eu vou abordar, também, é uma coisa que significou grande parte da minha vida, que é a empresa. Vou tentar passar para vocês um pouco da



minha visão de Brasil e o que eu penso sobre empresa, porque é meu dever falar alguma coisa que signifique conhecimento adquirido ao longo de meio século de trabalho.

Nós, às vezes, ficamos um pouco constrangidos de falar de Brasil, falar de suas dimensões, de suas riquezas, de suas características, porque todo mundo já sabe disso. Vocês haverão de pensar: “Então, como é que nós convidamos o Vice-Presidente da República para vir aqui, numa solenidade dessa importância, e ele vem dizer que o Brasil é um país importante, com seus oito e meio milhões de quilômetros quadrados, com suas 200 milhas de mar territorial com a sua plataforma que eleva em 1,5 esse território – porque a plataforma significa mais quatro milhões e tantos mil quilômetros quadrados, plataforma essa onde nós estamos tirando riqueza através da tecnologia brasileira da Petrobrás?”

São coisas que todo mundo sabe, as riquezas minerais, as riquezas do nosso subsolo praticamente desconhecidas ainda, porque nós temos 3,5 milhões de quilômetros quadrados de Amazônia, onde muitos geólogos falam que a riqueza é grande, mas nós nem começamos a prospectá-la.

Agora, por exemplo, nós estamos assistindo à descoberta de uma jazida de cobre por uma das companhias brasileiras que é a Vale do Rio Doce, muito experiente nesta área, o que vai dar ao Brasil condições também de participar desse mercado riquíssimo, internacional, coisa recém-descoberta e que nem começou a ser explorada ainda.

Da mesma forma, da riqueza do nosso solo, é uma coisa fantástica. Por exemplo, há poucos anos, recuperamos a capacidade de produção de algodão no Mato Grosso, numa verdadeira redescoberta do Brasil, sem irrigação, com produtividade superior ao algodão do Vale de São Joaquim, na Califórnia, nos Estados Unidos; e com qualidade de padrão internacional que oferece, hoje, à indústria nacional condições de competir no mercado internacional com qualidade excepcional.



Esse algodão está sendo a salvação, este ano. Por exemplo, agora, antes de sair do meu gabinete, estava recebendo um grupo de produtores que foi me levar um trabalho a respeito do algodão no Brasil, e me informaram que a produção deste ano é de mais de 800 mil toneladas; um deles me informou que está exportando algodão, alguma coisa para o Oriente Médio, alguma coisa para a Europa e que o Brasil está entrando no mercado internacional de algodão. Temos a qualidade obtida em áreas novas, como Goiás e Mato Grosso, que num passado não muito remoto não produzia nada, era cerrado. Então, vê-se que é um país realmente maravilhoso, muito rico e muito forte.

E, dentro disso tudo, há essa instituição denominada empresa e eu queria abordar um pouco isso, se me permitem, porque há uma distorção muito grande sobre este assunto. Há, no Brasil, algumas pessoas que costumam fazer uma certa confusão entre empresa e atividade fora da lei, porque no Brasil nós estamos, ultimamente, mais do que nunca, assistindo à prosperidade de algumas atividades fora-da-lei, e nós temos que nos preocupar com isso e procurar separar o que é empresa séria de atividades-pirata.

Nós agora, por exemplo, e eu não posso deixar de abordar este tema, ficamos preocupados durante esta semana, bem como todos os ministros da área, com o problema com que fomos atingidos pelo fato consumado. No ano passado houve plantio, ainda que, de acordo com a Lei, fosse proibido o uso de sementes transgênicas. Houve o plantio no ano passado e, neste ano, o nosso governo se viu diante de uma produção gigantesca de soja transgênica, que não podia ser comercializada, segundo a legislação brasileira. E o Presidente foi obrigado a fazer uma Medida Provisória que permitisse a exportação desse produto, porque era uma forma de salvar não só a economia, como também relevantes aspectos sociais que precisavam merecer a atenção do Presidente. E houve, então, a autorização, através de uma Medida Provisória, para que essa soja fosse exportada.

Agora, novamente, o governo se depara com o fato consumado de que



há sementes que sobraram e precisavam ser plantadas. E não há autorização para plantar. E isso me ocupou esta semana, porque o Presidente me pediu que visse isso para ele. Assinamos, ontem à noite, a Medida Provisória permitindo que se utilizem essas sementes onde elas estejam, sem que elas possam viajar, ser vendidas ou transferidas para outros estados, ou que sejam plantadas.

Para isso ouvi, naturalmente, todos que estavam ligados à questão, inclusive geneticistas, preocupados com alguma coisa que pudesse fazer mal à saúde ou coisa que o valha. Cerquei-me de todo esse cuidado e, por isso, demorou. A Imprensa publicou que eu estava indeciso. Eu não sou indeciso, eu sou “adesguiano”, eu aprendi a tomar decisões sérias, só que, para tomar decisões sérias, eu tinha que avaliar em profundidade.

Eu gostaria de falar com vocês sobre empresa porque nós temos que compreender que somos um país que adotou o regime de economia de mercado. A empresa tem que ser valorizada. Agora, é preciso que a empresa seja séria e que obedeça às leis. E isso, esta semana, me preocupou demais, porque, diante de um fato consumado, tive que assinar uma Medida Provisória que permitisse o plantio desse saldo de soja transgênica que está aí.

Se me perguntarem: “você é contra a soja, a adoção da semente transgênica no Brasil?” Não, não sou. E estou em condições de dizer porque não sou. É porque tive o cuidado de examinar isso com todos, inclusive com quatro técnicos da Embrapa, demoradamente. É pena que essa patente não nos pertença. O que eu falei com a Embrapa ontem foi para que desenvolvam trabalhos que possam criar uma semente nacional, para evitar que nós tenhamos que pagar esses royalties que, obviamente, afetam a economia brasileira.

Mas a empresa, é o tema que eu quero abordar com vocês, eu não posso deixar de trazer este tema, porque nós estamos aqui diante de pessoas que formam opinião. E a empresa, no Brasil, vem sendo desgastada, porque



há casos em que todas pagam por uma atividade de pirataria de algumas.

O Brasil tem que ser mais intransigente com relação à legislação. Mas a empresa em si – e vamos falar de empresa com E maiúsculo, empresa séria – o que significa empresa? O que é empresa? A empresa é, a gente poderia dizer, uma fração da economia. O que é economia, afinal de contas? Economia são os meios econômicos com que conta um país na concepção de objetivos que devem ser sempre sociais, porque o fim é o homem. Então, a força da empresa reside no fato de cada uma delas representar uma fração da economia do país.

A economia não é um fim em si mesmo, economia é meio. O fim é sempre social. E a empresa, como fração dessa economia, também não é um fim em si mesma, a empresa é um meio para que a economia seja próspera e forte. Nós, às vezes, admiramos determinados países, vendo a economia forte e próspera que possuem, como, por exemplo, Japão, Estados Unidos da América, Alemanha; nós admiramos a força da economia daqueles países. Então, nós temos que compreender que, lá, cada fração dessa economia recebe o aplauso pelo lucro, pela prosperidade.

Aqui no Brasil nós aprendemos que isso é um problema, hoje, quase que cultural, a condenar o lucro empresarial. Então, nós temos que fazer uma análise: por que isso acontece no Brasil? Acontece porque o lucro advém, às vezes, de atividades fora da lei, ainda que empresariais.

Então, é óbvio que, numa platéia em que se encontram líderes e homens que formam opinião, este tema tem que ser trazido, porque o Brasil tem que mudar, mas para mudar ele tem que ser absolutamente intransigente em matéria de atividades que contrariem a lei. E é por isso que nós, no Brasil, estamos habituadas a condenar o lucro quando, fora do lucro, nós não teremos condições de alcançar a independência e a força da nossa economia. Por quê? A economia é representada por todos os fatores que os senhores, que passaram por um curso da Adesg, aprenderam – e isso me ocorre agora,



porque o campo econômico é representado, obviamente, por tudo aquilo que foi objeto de curso da Adesg – vocês sabem perfeitamente o que é a economia do país. E nós estamos, portanto, num momento em que precisamos fortalecer essa economia, como meio – repito – para que se alcancem os objetivos sociais.

Então, vamos ver o que nós poderíamos fazer, o que poderíamos trazer aqui como uma pálida contribuição ao conhecimento e ao grau de participação que todos vocês possuem, porque esta é uma platéia seleta.

Eu não posso deixar de dizer a vocês que a minha vida toda foi dedicada à empresa. Eu acredito na empresa. Acredito na empresa como um grãozinho, uma fraçãozinha de uma economia que precisa ser próspera, precisa ser forte, precisa ser independente. O Brasil está, hoje, ligado a compromissos que foram construídos pela depauperização de suas empresas e de sua economia.

Então, temos que encontrar meios para mudar isso. Tenho batido muito em um ponto: o custo de capital no Brasil. Essa é uma das razões pelas quais o Brasil vai mal. Por quê? Nós não podemos submeter a economia brasileira, nesse mercado globalizado, a um tratamento tão desigual, porque os custos de capital no Brasil alcançaram patamares absolutamente impossíveis de serem remunerados. Não há como compatibilizar custos de capital com atividades produtivas no Brasil. Este é o grande entrave, hoje, para o desenvolvimento da economia nacional.

E a gente tem sempre que se lembrar: a economia não é um fim. A economia existe como um meio à consecução. O que se busca é a consecução do bem comum. Não temos outra forma senão fortalecer a economia e acreditar na empresa, que é uma fração dessa economia, um meio para que a economia seja próspera, forte e independente. O Brasil tem que sair desse vezo que é o de condenar a prosperidade empresarial. E a condena por razões que a gente tem que compreender.

No Brasil, às vezes, as atividades fora da lei são aceitas e nós fazemos



vista grossa. O cidadão não paga seus impostos. “Mas é isso mesmo. Os impostos são muito elevados.” Isso não se justifica. Eu posso dizer, sem nenhuma preocupação: tenho meio século de atividade empresarial pagando meus impostos. Eu pude disputar eleições. Por quê? Porque, se fosse um sonegador de impostos, eu não teria chegado a lugar algum no campo político, porque a nossa vida é absolutamente cravada de investigações, quando somos candidatos.

Eu falo absolutamente tranqüilo, mas as empresas sérias, no Brasil, estão também sofrendo competições desiguais, porque o Brasil é o país que também perdoa os impostos de vez em quando, através de uma lei de anistia, o que estimula a continuidade desse problema. E a Adesg, a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, pode trazer contribuição para que isso mude, para que o Brasil leve a sério todas as atividades que pratica. Obviamente, para que o tratamento seja igualitário entre os que competem nesse mercado.

Alguém poderá dizer: “mas o senhor, o Vice-Presidente da República, o senhor é senador – fui senador até agora; aliás, poderia sê-lo até 2007, porque deixei o meu mandato para optar pela Vice-Presidência da República – então, por que o senhor não faz nada?” Nós estamos tentando fazer. O poder é muito relativo. O poder não só emana do povo, mas deve ser, também, exercido diariamente por cada cidadão, através da intransigência em relação a comportamentos equivocados, comportamentos condenáveis.

O Brasil é um país muito rico. O que o Brasil possui de riquezas naturais e também de recursos humanos é uma coisa admirável. Além desse território maravilhoso, de fotossíntese de fazer inveja aos estudiosos do mundo inteiro, nós temos um povo bom, pacato, ordeiro, trabalhador, inteligente, versátil. A própria miscigenação da nossa raça nos confere essa versatilidade, objeto de registro de grandes estudiosos do assunto. Quem são nossos ancestrais? São os migrantes do passado, que vieram de Portugal, da Espanha, da Itália, da



Ásia, da África, e constituímos uma raça miscigenada admirável. Nós não temos nenhum problema de radicalismo racial nem religioso. O Brasil é um país que possui condições excepcionais em relação aos outros países do Planeta. Ele não pode ficar ajoelhado, pagando o custo dessa dívida, que mata a economia.

Eu tenho que voltar à economia, que é o tema que eu tentei abordar aqui, desde o primeiro momento. Hoje, a economia é globalizada. Nós não podemos, de forma alguma, submeter a economia brasileira, submeter cada fração dessa economia, ou seja, cada empresa, a uma competição tão desigual como está acontecendo. É um despropósito o custo de capital no Brasil. As pessoas que se familiarizaram com o tema e que conhecem o que acontece em todos os países com os quais nós temos que competir, quando chegam ao Brasil e ouvem, tomam conhecimento, não acreditam.

Nós, agora, por exemplo, destinamos, neste ano, no primeiro semestre, mais de 10% do PIB para juros. Juros que são os mais baixos do mercado, que são os juros da taxa Selic, que são praticados pelo Banco Central na rolagem da sua dívida. Tivemos 10% do PIB – 10% do PIB são quase 30% da carga tributária brasileira – para pagar juros. Enquanto isso, os países com os quais estamos competindo estão pagando juros, em determinados casos, de um vigésimo da nossa taxa Selic. Em outros casos, um décimo, mas isso é, na melhor das hipóteses, um décimo. Então, isso não pode continuar. Tenho me batido muito sobre isso.

Tanto o setor primário quanto o secundário e o terciário e a infraestrutura são os componentes do que vocês aprenderam, que se chama poder econômico nacional ou componente do poder nacional representado pelo poder econômico, dividido em quatro componentes básicos, que são o setor primário, o secundário, o terciário e a infra-estrutura. Esses quatro componentes são representados por empresas, do setor primário, do setor secundário, do setor terciário e da infra-estrutura.



Então, é preciso que nós aprendamos a valorizar a fração da economia para que nós valorizemos a economia brasileira, repito, não como fim, mas como meio para se alcançar o objetivo maior que é a riqueza nacional das pessoas.

Nós temos, ainda, cerca de 30% da nossa população que passam sérias dificuldades; 30% são mais de 50 milhões de brasileiros num dos países mais ricos do mundo. Nós estamos transferindo, através dessas taxas despropositadas, um absurdo, e depauperando a nossa economia. Incompreensível.

Alguém poderá dizer: “mas, o Vice-Presidente da República está falando em calote?” Não, eu tenho meio século de vida empresarial pagando rigorosamente todas as minhas dívidas e nunca dei calote nem prejuízo a ninguém, e não concordo com isso de forma alguma. O Brasil não precisa disso.

Mas não significa que ele seja tão compreensivo em relação ao custo de capital do país, porque isso impede que o Brasil saia dessa situação em que se encontra. Nós pagamos, no primeiro trimestre deste ano, mais de 12% do PIB de juros. Esses números, absolutos, chegaram a 44 bilhões de reais no primeiro trimestre.

Nós obtivemos, com o chamado superávit primário, coisa de 6,3% do PIB, ou 22 bilhões de reais; e os outros 22? Eles se acoplaram à dívida. Da mesma forma que tem acontecido no passado, os juros, pelo fato de serem muito altos, não são totalmente liquidados porque não há recursos, mas a banca internacional concorda que o superávit primário seja coisa parecida com 50% do valor total dos juros. Por quê? Porque os 50% já são um despropósito em relação às taxas vigentes no mercado internacional. Então, nós temos que despertar.

Há poucos dias, falamos sobre isso. Era 7 de Setembro e nós estávamos cantando, naturalmente com orgulho, o Hino Nacional, e eu mudei



um pedacinho do Hino; ao invés de cantar “deitado eternamente em berço esplêndido” eu cantei “desperto e vigilante em solo esplêndido”; podem conferir a métrica, dá certinho.

Ainda que nós não tenhamos poder para mudar o Hino Nacional, nós temos que ter poder para mudar o nosso comportamento. Não podemos não ser despertados e vigilantes, dentro deste solo esplêndido que Deus nos deu, para defender as questões que digam respeito ao interesse nacional.

Alguém poderá dizer: “mas não se usa mais esse nacionalismo arraigado” Mas a verdade é que nós precisamos mudar esse comportamento nosso, temos que reagir, e a forma de reagir não é outra senão o trabalho, a dedicação, a seriedade, a honradez, que devem fazer parte das atividades brasileiras em cada setor em que estejamos.

Era o que eu queria trazer para vocês. Eu não sei qual vai ser a norma, se é a de uma reunião da Adesg. Não tive tempo de conversar para saber se vai haver debate; se houver, como se fosse uma reunião da Adesg, tudo bem, fico satisfeito, porque, provavelmente, me ajuda a falar de alguma coisa que seja objeto de interesse de vocês, porque pode ser que eu esteja abordando questões que não sejam de interesse dos que aqui estão me honrando com esta atenção especial.

Quero, primeiro, reiterar o meu melhor agradecimento a todos pelo honroso convite que me foi feito. Tenho uma recordação muito boa da Adesg. Fui para a Adesg em 1975. Éramos 120 na nossa turma e me parece que eram 10 grupos de 12. E eu fui eleito um dos dirigentes de grupo. Foi quando eu pensei que tinha algum dom para ser eleito, porque havia outros candidatos e eu, na verdade, fui eleito. Isso, talvez, tenha me levado para a política, porque fiquei tão entusiasmado por ter sido eleito dirigente daquele grupo que achei que tinha algum dom para ser eleito para alguma coisa. Acabei me encorajando para a política.

Mas vou terminar, deixando essa mensagem: a empresa é uma fração



da economia. A economia é representada pelo setor primário, secundário, terciário e pela infra-estrutura. Todos esses quatro componentes do poder econômico se subdividem em empresas. Empresas minúsculas, pequenas, grandes, gigantescas, todas são empresas que fazem parte desse campo, que é o poder econômico nacional de qualquer país. Então, todas elas são importantes e precisam ser respeitadas. E, para que elas o sejam, é preciso que elas se respeitem. E a forma é andar direito, respeitar a Lei, trabalhar dentro da Lei, porque não há nada mais importante para qualquer brasileiro engrandecer o seu país do que trabalhar dentro da Lei e ser intransigente em relação ao seu cumprimento.

Quero terminar me congratulando com todos vocês, por pertencerem a uma Instituição da grandiosidade, da beleza, da grandeza, da importância, não só do ponto de vista político, econômico, cultural, social, científico, em todos os sentidos, da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, Instituição a que eu tenho a honra de pertencer.

Quero dizer que todas as vezes que vocês tiverem alguma coisa que possa merecer a atenção do Palácio do Planalto, enquanto eu estiver na Vice-Presidência da República, eu serei um canal para levar os pleitos desta Instituição, porque sei que eles são, todos eles, de interesse nacional, porque a Adesg aprendeu a respeitar o elevado interesse nacional como Instituição, como cada um que participou dela aprendeu o seu ensinamento.

Muito obrigado.

/lrj/cms/rss